



MUSEO PEDRO DE OSMA

TEXTOS DE GALERIA
SALA DE ARTE DO SUL ANDINO
(PORTUGUÊS)



Sala 12

Arte do Sul Andino: Tihuanaco - Incas - Vice-reino (Séculos V- XIX)

Informação geral

Esta sala reúne uma seleção de peças das culturas Tihuanaco e Inca, procedentes da uma coleção privada da Cuzco, assim como pinturas da época do esplendor da arte cusquenha do vice-reino, da coleção do Museu Pedro de Osma. Estas são criações artísticas locais que, baseadas em uma linguagem de tradição ocidental, mostram um estilo próprio, fruto da fusão com a herança cultural do sul andino e mantêm vigente o tema indígena.

O sul andino foi o território onde se centrou grande parte da vida política da história peruana, desde períodos pré-colombinos até a época do vice-reino. As peças desta exposição não apenas nos permitirão aprofundar nas práticas locais, como, sobretudo, aproximar ao longo e complexo processo artístico-cultural que se produziu nesta região.

Um dos fios condutores da exposição é a permanência do uso do quero como suporte e veículo da iconografia de cada momento relevante do sul andino. A origem deste recipiente remonta às culturas mais antigas do Altiplano e ganha força especialmente durante o período Tiahuanaco. É essencial considerar que o quero cumpriu papel destacado nos rituais andinos, e foi adotado pelos Incas. Posteriormente, manteve-se vigente durante o Vice-reino com uma renovada iconografia policromática. Sua produção continuou na República e seu uso perdura até a atualidade.

Esta mostra, cujo conteúdo precede o da arte do Vice-reino, permite-nos apreciar de uma nova perspectiva a coleção do Museu Pedro de Osma, pois lhe outorga uma dimensão temporal que remonta às origens das grandes tradições culturais do Peru antigo.





Sala 12.1

Tihuanaco (Séculos V – XII)

Informação geral

Há muito tempo estabeleceram-se no Altiplano diversas coletividades que, apesar das condições extremas de altitude e temperatura dessa zona geográfica, transformaram-no em um território próspero mediante o sábio manejo de seus recursos naturais. Nesse processo, as sociedades altiplânicas alcançaram altos níveis de organização. Uma mostra disso é o grau de complexidade e estruturação que alcançaram culturas como a Tihuanaco.

Tihuanaco foi um importante Estado que surgiu de uma série de desenvolvimentos locais como as culturas Pucará e Chiripa. O centro cerimonial e político de Tihuanaco consolidou-se ao sul do lago Titicaca, a 20 quilômetros da atual fronteira entre Peru e Bolívia. À medida que obtiveram avanços na agricultura e fortaleceram sua organização sócio-política, os Tihuanacos lograram vincular-se a outros territórios. Entre eles, as costas de Moquegua e Atacama constituíram enclaves relevantes para o manejo de diversos pisos ecológicos. A extensão do alcance territorial Tihuanaco propiciou um intenso intercâmbio de bens e aportes culturais ao longo do sul andino. Nesse sentido, suportes de grande sofisticação, como o quero e os defumadores, foram essenciais para a transmissão de sua ideologia religiosa.

A regularidade do horizonte altiplânico – tanto do lago como da extensa planície do Collao – e o rigor ao clima influenciaram na sensibilidade e nos padrões estéticos Tihuanacos. Em geral, sua arte demonstra um gosto marcado pela simetria e pela regularidade. As edificações do local epônimo de Tihuanaco refletem-se nas distintas disciplinas artísticas, como a escultura, a cerâmica e a tecelagem, caracterizadas por sua rigorosidade no desenho e acabamento impecável. Entre os temas mais frequentemente representados destacam-se as grandes figuras do panteão andino tradicional: o felino, as aves, os camelídeos, a serpente e a deidade dos báculos. Esta última está presente em grande parte das obras e manifestações artísticas, e se encontra em sua máxima expressão na célebre Porta do sol, em Tiahuanaco.





Sala 12.2

Mito

Informação geral

Os relatos de origem de diversas culturas costumam narrar eventos fantásticos e mitológicos relacionados à história de sua fundação, e justificar sua autoridade sobre os povos sob seu domínio. O caso dos Incas não foi diferente. Segundo os cronistas espanhóis da Conquista, os Incas explicaram sua origem através de dois mitos: o de Manco Cápac e Mama Ocllo, que emergiram do lago Titicaca, e o dos irmãos Ayar, que saíram de uma cova na montanha Pacaritampu. Ambos relatos tratam de personagens procedentes do sul andino e que, tal como heróis civilizadores, dirigiram-se ao norte para fundar a cidade de Cusco e ensinar aos nativos diferentes artes e ofícios.

Nos dois mitos o casal formado por Manco Cápac e Mama Ocllo é o fundador da dinastia Inca. Provém do antigo território Tihuanaco e particularmente do lago Titicaca, onde se encontra a ilha Titicaca, um antigo santuário em honra ao lugar de nascimento do Sol. Observou-se que este mito ganhou particular força e importância durante o mandato do Inca Pachacútec, o grande reformador do Tahuantinsuyo, que apresentou grande interesse em vincular o casal fundador a uma antiga e muito poderosa huaca do sul andino, associada não apenas ao lago, como também ao lugar de Tiahuanaco. A partir desse momento, os descendentes da realeza Inca foram venerados como legítimos filhos do Sol; com o culto a essa divindade principal, consolidaram seu poder político e religioso.





Sala 12.3

Incas (Séculos XV – XVI)

Informação geral

Herdeiros de desenvolvimento cultural original no território andino, os Inca estabeleceram um Estado poderoso e bem organizado, após um programa breve, porém abrangente, de conquistas territoriais que abarcou desde o sul da Colômbia até o norte da Argentina e a zona central do Chile. A predominância Inca nesses extensos territórios é evidente em algumas das obras de infraestrutura nas regiões anexadas, assim como na extraordinária rede de caminhos (Qhapaq Ñan, em quechua) que começa em Cusco, capital do império, e percorre todo o Tahuantisuyo pelas vias costeiras e andinas. Junto com essa impressionante infraestrutura, o sistema administrativo se baseava em uma sólida hierarquia regida pelo inca, uma complexa rede de alianças, resultado de um sistema intercâmbios de serviços e pessoas, bastante elaborado ao longo do território. A figura do Inca Pachacútec é essencial; foi quem iniciou as grandes reformas que permitiram, a partir do campo militar e administrativo, e inclusive no religioso, sustentar a indiscutida autoridade da dinastia Inca como filhos e herdeiros diretos do Sol.

Os Incas souberam aproveitar o legado das antigas civilizações andinas como plataforma para seu desenvolvimento e notável hegemonia: o bronze dos Tiahuanaco e a ourivesaria nortista, assim como a tecnologia hidráulica e agrícola aperfeiçoada ao longo dos séculos. Entre as peças de arte que vemos se destaca a grande coleção de cerâmica que reúne desde peças de pequeno formato (como cucas e pratos) até os grandes “aríbalos”, e que nos dá um panorama da quase totalidade dos formatos e estilos da tradição da cerâmica Inca. Algumas formas tradicionais, como o “quero” (recipiente cerimonial), muito difundido no tempo dos Tiahuanaco, mantiveram-se vigentes entre os Inca, mas sob os cânones estéticos próprios de sua cultura. Assim, estão marcados por um severo tratamento geométrico tanto em madeira e metal como em argila. Igualmente, a notável coleção de conopas (objetos lavrados em pedra) Inca mostra sua rica variedade de desenhos, formatos e materiais.

Também é possível observar os tupos ou alfinetes, compostos por uma vara pontiaguda e uma cabeça decorativa, que serviam para unir e adornar a vestimenta feminina. Os tupos podiam ser feitos de cobre ou de bronze, mas principalmente de prata, metal associado à deusa da Lua. Os tupos, como os queros da antiga tradição andina, seguiram em uso durante o período do vice-reinado e o republicano.

Ao final da visita temos uma ampla seleção de armas de guerra, tanto de pedra como de bronze. Algumas delas conservam as empunhaduras originais, feitas de madeira amazônica maciça.





Sala 12.4

Vice-reino (Séculos XVI – XIX)

Informação geral

Durante um longo período de desenvolvimento independente, as populações andinas estabeleceram um sistema político e econômico que alcançou seu apogeu no Tahuantinsuyo, liderado pela dinastia de governantes Inca. A chegada das tropas de Pizarro significou o colapso da administração local e o início de um novo episódio da história do território peruano e de boa parte da América do Sul. Durante o intenso período de conquista e domínio dos espanhóis sobre essas terras foram assentadas as bases de uma nova maneira de orientar os destinos das populações locais. Tanto as ações militares como os pactos com a elite Inca e os grupos locais permitiram consolidar a autoridade colonial.

Com a ruptura do domínio Inca sobre o extenso território do Tahuantinsuyo desencadeou-se um processo em que as distintas tradições locais e regionais adaptaram-se progressivamente aos novos padrões culturais promovidos pela Coroa espanhola. Essa mudança constante e a acomodação cultural – que perdura até os dias de hoje – é parte de um fenômeno maior de aculturação e sincretismo, dinâmica inevitável no encontro de duas civilizações distintas. No caso do Peru, deve-se entender como um processo único e irrepetível, já que se tratou do encontro de duas culturas absolutamente desconhecidas entre si. A sobrevivência dos costumes antigos se reflete na adaptação de alguns elementos, como o tupu e o quero. Este contribuiu para perpetuar o hábito do brinde por pares e converteu-se em um veículo para transmitir às novas gerações as antigas glórias e tradições de seus antepassados, os Inca.

A queda do Tahuantinsuyo deu lugar a um processo de adaptação e alianças entre os habitantes locais (com suas distintas tradições regionais) e os conquistadores (portadores de novos padrões culturais). Ainda que a população nativa tenha aceitado as novas regras políticas, econômicas e religiosas dos conquistadores, soube também conservar muitas de suas crenças, imagens e costumes. A elite Inca, que durante o Vice-Reino teve uma posição de privilégio, continuou com diversos elementos que definiram parte de sua identidade e hierarquia. Do mesmo modo, no âmbito das festividades religiosas a população nativa preservou imagens e práticas dos cultos andinos sob formas de devoção ocidental. Nesta sala, o processo é ilustrado pelos quadros Unión de la descendencia imperial incaica con la Casa de Borja y Loyola e Procesión del Corpus Christi.

